



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXETAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

ROBSON RODRIGO FRANCISCO DA SILVA

**ENTRE LIBERDADE E INTERDIÇÃO: UMA LEITURA FOUCAULTIANA DE
LAVOURA ARCAICA, DE RADUAN NASSAR**

**MONTEIRO
2015**

ROBSON RODRIGO FRANCISCO DA SILVA

**ENTRE LIBERDADE E INTERDIÇÃO: UMA LEITURA FOUCAULTIANA DE
LAVOURA ARCAICA, DE RADUAN NASSAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Graduação em
Letras-Português da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de
Licenciado em Letras-Português.

Orientador: Prof. Dr. Márcio dos Santos
Gomes

**MONTEIRO
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Robson Rodrigo Francisco da
Entre liberdade e interdição [manuscrito] : uma leitura
foucaultiana de Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar / Robson
Rodrigo Francisco da Silva. - 2015.
31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Exatas, 2015.

"Orientação: Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes,
Departamento de Letras".

1. Lavoura arcaica. 2. Sexualidade. 3. Foucault. I. Título.
21. ed. CDD 306.7

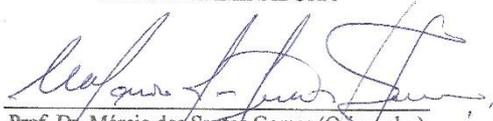
ROBSON RODRIGO FRANCISCO DA SILVA

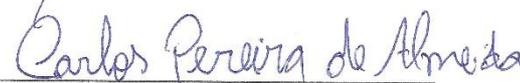
ENTRE LIBERDADE E INTERDIÇÃO: UMA LEITURA FOUCAULTIANA DE
LAVOURA ARCAICA, DE RADUAN NASSAR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Graduação em
Letras-Português da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de
Licenciado em Letras-Português.

Aprovado em: 04/12/2015.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Carlos Pereira de Almeida
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Esp. Wellington Carlos Sousa Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho aos meus familiares e a todas as pessoas que me inspiraram ao longo de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus familiares e a cada um dos bons professores que tive, pois citando a celebre frase de Issac Newton, “Se hoje enxerguei mas longe, foi porque me apoiei sobre os ombros de gigantes.”

“pensar ao mesmo tempo, o sexo sem a Lei e o poder sem o rei” . (FOUCAULT, 1988, p. 101)

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta analisar a interdição do desejo sexual do personagem, André na obra *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar e problematizar seus motivos, tomando como base o pensamento do último Foucault presente nas obras: *Vontade de saber* e *O uso dos prazeres*. A ideia principal é mostrar que não existe um comportamento humano natural. O trabalho baseia-se na premissa de Foucault que parte da noção de que o desejo em si é livre e as regras criadas para interdita-lo são impostas pelo próprio homem segundo sua vontade de potência. Na obra *Lavoura Arcaica* observamos um conflito entre a liberdade sexual, representada na obra pelo personagem principal e a moral cristã, respaldada pela figura patriarcal da família libanesa. Buscamos discutir esse confronto a partir do olhar foucaultiano, tentando entender de que forma se processa a sujeição do desejo do personagem principal na obra e em que medida ele lida com a possibilidade de livrar-se dessa sujeição.

Palavras-chave: *Lavoura arcaica*. Sexualidade. Foucault.

ABSTRACT

This work aims to analyze the prohibition of sexual desire from André, a character on *Lavoura Arcaica* written from Raduan Nassar questioning his motives, based on the thought of the last Foucault present in the works: *Will to know* and *The Use of Pleasure*. The main idea is to show that there is no natural human behavior. The work is based on Foucault's notion that the desire itself is free and the rules created for interdicting it are imposed by man himself according to his will to power. *Lavoura Arcaica* in the work where we can see a conflict between sexual freedom, represented in the work by the main character, and Christian morality supported by the patriarchal figure of the Lebanese family. We discuss this confrontation starting from Foucault's point of view in order to understand how it handles the subject of the main character's desire in the work and to what extent it deals with the possibility of getting rid of this subjection.

Keywords: *Lavoura Arcaica*. Sexuality. Foucault.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
2 FOUCAULT E A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE	11
3 SOBRE LAVOURA ARCAICA	18
4 UMA LEITURA FOUCAULTIANA DE LAVOURA ARCAICA	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6 REFERÊNCIAS	30

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo principal desse trabalho, sobre a obra *“Lavoura arcaica”*, de Raduan Nassar é problematizar os motivos da interdição do desejo e do comportamento sexual do personagem principal da obra, chamado André. Para isso, tomaremos como referência o pensamento de Foucault presente nos livros *“A vontade de saber”*, de sua fase denominada genealógica do poder e *“O uso dos prazeres”*, de sua fase denominada genealógica ética do sujeito, ambos pertencente a trilogia *“História da sexualidade”*. Nessas obras, Foucault problematiza a sexualidade de formas distintas. Na primeira obra, temos a problematização da sexualidade no mundo ocidental e na segunda uma problematização do sexo na Grécia antiga, na qual observamos que os gregos possuíam uma forma de problematizar o sexo diferente do mundo ocidental.

Essa diferença de postura dos gregos antigos, com relação à sexualidade, é importante, porque se no ocidente, de maneira geral, a sexualidade por conta da moral, do direito e do Estado foi no decurso dos séculos reprimida, na Grécia, no período pré-cristão, isso não se deu dessa forma. A moral pré-cristã grega lida com a sexualidade não por meio da sujeição, mas de outra maneira que discutiremos no decurso do trabalho.

Sabe-se que, na obra *“Lavoura arcaica”*, André é um personagem que possui um comportamento sexual considerado inadequado para a sua tradição familiar, uma vez que não aceita a autoridade paterna e sente uma forte e incontrolável paixão pela própria irmã, que depois resultará na prática do incesto. André, é um personagem que trilha um caminho que o leva para longe das normas e da moral imposta pela instituição religiosa, ele sai com prostitutas, pratica sexo com uma cabra e sente desejo pela irmã.

Nesse sentido, a obra citada possui uma forte carga erótica, porém as personagens vivem uma vida regrada dentro de um ambiente extremamente autoritário, no qual os membros da família por força da educação tradicional devem sempre guardar seus corpos contra os desejos. Em *“Lavoura arcaica”*, temos, portanto, um embate entre pai e filho, entre liberdade e tradição. Assim, a família ocupa um papel importante na obra, pois é a instituição de poder-saber que disciplina e adentra os seus membros, através da figura paterna, impedindo que os desejos sejam aflorados e vividos. Desse modo, o poder familiar age reprimindo toda forma de tentativa de aproximação do mundo dos prazeres sexuais.

Diante desse cenário, descrito na obra, investigaremos, usando o pensamento de Foucault, como o comportamento sexual do personagem principal da obra "*Lavoura Arcaica*" de Raduan Nassar é reprimido, procuraremos discutir as causas de sua não aceitação. Tentaremos ao longo de três capítulos responder quais foram os motivos que levaram o comportamento sexual de André a ser considerado proibido pela instituição familiar e quais foram as consequências na obra desse tipo de repressão.

Assim, no primeiro capítulo do trabalho faremos uma breve introdução ao pensamento de Foucault, presente nas obras "*A vontade de saber*" e "*O uso dos prazeres*". Nesse capítulo, será discutido como o sexo foi problematizado no mundo ocidental e nas sociedades da antiguidade clássica. Essa introdução ao pensamento foucaultiano sobre a sexualidade será importante para entendermos no decorrer do trabalho como e por quais motivos o comportamento sexual do personagem André não pode ser aceito no ambiente em que vive.

No segundo capítulo será apresentado o enredo da obra "*Lavoura Arcaica*", com as experiências sexuais vividas pelo personagem principal, André. Nesse capítulo, veremos como o personagem da obra tenta marcar sua individualidade, frente a tradição familiar, por meio de sua sexualidade. Veremos que ele tenta ser livre em um ambiente cheio de regras e marcado pela forte religiosidade.

Por fim, no último capítulo faremos um paralelo entre o pensamento de Foucault e a obra "*Lavoura Arcaica*". Discutiremos como a sexualidade do personagem principal sofre interdição e em que medida ele lida com a possibilidade de livrar-se dessa sujeição na obra.

2 FOUCAULT E A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE

O filósofo francês, Michel Foucault, apresentou na sua trilogia intitulada “*História da sexualidade*”, uma visão relevante sobre como o sexo foi problematizado ao longo da história. Nos dois primeiros volumes dessa importante obra, podemos entender como se deu o processo de construção de verdades no campo sexualidade no mundo ocidental, e também como os gregos antigos problematizavam o sexo de um maneira distinta das sociedades ocidentais. Em “*A Vontade de Saber*”, primeiro volume de sua trilogia sobre a sexualidade, observa-se um Foucault preocupado com a relação entre a sexualidade e as relações de poder e em “*O uso dos prazeres*”, segundo volume da trilogia ,observa-se um Foucault interessado no modo como os gregos antigos problematizavam o sexo.

Em o “*Uso dos prazeres*”, segundo volume da trilogia foucaultiana, há um fato relevante, Foucault muda os rumos de sua pesquisa sobre a sexualidade, e investe no mundo antigo, fazendo uma investigação de como os gregos problematizavam o sexo. Apesar da mudança de postura, do primeiro volume da trilogia para o segundo, todos os volumes da obra possuem um elo, pois tratam como tema a sexualidade. Desse modo, em “*O uso dos prazeres*” observamos um Foucault preocupado em saber como os antigos problematizavam o sexo, nos mostrando que desde antiguidade clássica, já havia prescrições sobre as práticas sexuais, mas não de cunho universal e com uso de interdições, como posteriormente seria feito pela instituição religiosa cristã na história do ocidente. Em “*A vontade de Saber*”, observamos um Foucault preocupado em saber como a sexualidade foi constituída no mundo ocidental.

Além disso, em “*A vontade de saber*” Foucault trata a sexualidade de uma maneira distinta, sem a hipótese de uma repressão e de um silêncio. Sendo assim, esse filósofo propôs algo novo ao tratar da sexualidade em sua obra, para ele a sexualidade não teria sido silenciada, pelo contrário, havia sido incitada pelo discurso.

Século XVIII: seria o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados. Dominar o sexo seria, a partir desse momento, mas difícil e custoso. Come se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, banilo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível. Dir-se-ia mesmo que essas interdições temiam chama-lo pelo nome. Sem mesmo ter que dizê-lo, o pudor moderno obteria que não se falasse dele, exclusivamente por intermédio de proibições que se completam mutuamente: mutismos que, de tanto calar-se impõe silêncio. Censura. Ora, considerando-se esses três últimos séculos em suas contínuas transformações, as coisas aparecem bem diferentes: em torno e a

propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva. (FOUCAULT, 1988, p. 21).

Sendo assim, para Foucault (1988) não há a uma hipótese repressiva, não há, portanto, uma repressão sexual ou uma censura sobre o indivíduo, o que acontece na verdade é um estímulo. Assim, as pessoas são estimuladas a falar de suas práticas sexuais, de seus desejos, daquilo que lhes causa prazer sexual e é a partir daquilo que é dito pelas pessoas, que criam-se normas de enquadramento do sujeito, separando o normal do anormal, o certo do errado. Desse modo, é a partir da fala que a sexualidade é constituída, ou seja, cria-se, de acordo com Foucault (1988), um mecanismo para controlar o sexo baseado no discurso, sem que haja necessariamente uma repressão sexual. Portanto, quando Foucault nega a hipótese de uma repressão sexual ele não nega totalmente a sua existência, na verdade ele quer demonstrar que a repressão apenas faz parte de um sistema maior e ainda mais complexo que uma simples interdição, faz parte de um dispositivo de sexualidade, no qual, há uma incitação estratégica ao discurso sobre o sexo, há uma falsa liberdade para se falar sobre o sexo, para que ele seja examinado, classificado e por fim normatizado, e o reflexo dessa normatização é a interdição de tudo aquilo que se encontra fora da norma. Nesse sentido a fala traz, portanto, muito sobre a sexualidade.

Para Foucault (1988), o estímulo ao discurso sobre o sexo tem início na Idade Média como as confissões dos pecados da carne, nessa época, o sexo não podia ser ocultado, tudo devia ser revelado, o objetivo era ouvir e induzir as pessoas a produzirem enunciados. Dessa forma, as pessoas revelavam suas práticas acreditando ingenuamente que seriam guiadas para um caminho correto.

Desse modo, conforme o pensamento de Foucault, a confissão nada mais é do que um mecanismo de produção de verdade, sendo assim, para ele o confessionário é o primeiro lugar onde a verdade sobre o sexo é instituída e a igreja é quem inicialmente cria, mediante relações de poder, regras de cunho universal sobre o sexo, dessa maneira a confissão era usada como estratégia para que os indivíduos produzissem enunciados. Assim, a instituição religiosa cristã obrigava os indivíduos a revelarem suas práticas sexuais mais íntimas diante de seus representantes. A igreja foi, portanto, a primeira instituição de saber-poder a se apoderar da sexualidade e impor normas baseadas naquilo que era dito nos confessionários.

A extensão da confissão e da confissão da carne não para de crescer. Pois a Contra-Reforma se dedica, em todos os países católicos, a acelerar o ritmo da confissão anual. Porque tenta impor regras meticulosas de exame de si mesmo. Mas, sobretudo, porque atribui cada vez mais importância, na penitência – em

detrimento, talvez, de alguns outros pecados – a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, em datalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual. O sexo, segundo a nova pastoral, não deve mais ser mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até às mais finas ramificações: uma sombra num devaneio, uma imagem expulsa com demasiada lentidão, uma cumplicidade mal afastada entre a mecânica do corpo e a complacência do espírito: tudo deve ser dito. (FOUCAULT, 1988, p. 23).

Assim, para Foucault, as confissões na Idade Média pavimentaram o caminho para que a ciência no século XIX começasse a fazer uso dos mecanismos usados pela igreja, dando origem ao que ele chamou de *“scientia sexualis”*. Agora quem produzia as verdades sobre a sexualidade regulando os sujeitos eram a medicina e a psiquiatria, sendo assim a ciência no século XIX ocupa o lugar que a igreja ocupava na idade média e torna-se a nova instituição de poder saber que formula verdades. A partir de então, criam-se nomes e classificações como fetichistas, invertidos, exibicionistas, zoófitos e surge o controle de natalidade, uma forma do governo interferir na sexualidade das pessoas, portanto, é o discurso científico quem regula e normatiza a sexualidade no século XIX. Dessa forma, como sabemos que os discursos e verdades produzidos pela ciência possuem grande credibilidade acabamos confiando os nossos segredos, sem medo algum. Desse modo, revelamos nossos desejos e práticas sexuais para sermos enquadrados em normas regidas pelas relações de poder, criadas pelos discursos sobre a sexualidade.

Até aqui, percebemos que Foucault trata da sexualidade ocidental usando o termo *“scientia sexualis”* para designar o dispositivo de sexualidade que emergiu no século XIX, herdando a prática dos mecanismos da confissão utilizados pela igreja na Idade média. Para o autor, a *“scientia sexualis”* concebe o sexo do ponto de vista das normatizações, produzidas pelo saber científico. O sexo, nesse sentido, é, portanto, refém das verdades produzidas para ele. Nesse contexto, percebe-se que a sexualidade não é algo natural e universal, ela é produzida, inventada em um jogo complexo no qual a instituição de poder-saber analisa tudo aquilo que se diz sobre o sexo e separa o normal do anormal. Sendo assim, a sexualidade, no ocidente, é construída pelo discurso que, por sua vez, mediante produção de verdades, acaba por normatizar o sujeito.

Para Foucault (1988), a civilização ocidental teria sido a única no mundo a conceber a sexualidade por meio de uma *“scientia sexualis”*, diferenciando-se, assim, de outras sociedades que conceberam o sexo não por meio de uma busca por verdades científicas como fez a

“*scientia sexualis*”, mas por meio de uma busca pela verdade sobre o sexo apenas no próprio prazer, Foucault chamou a forma como essas sociedades buscavam a verdade sobre o sexo de “*ars erótica*”. Conforme Foucault (1988,p 57) em “*A vontade de Saber*” :

Existem, historicamente, dois grandes procedimentos para produzir a verdade do sexo.

Por um lado as sociedades – e elas foram numerosas: a China, O Japão, a Índia, Roma, as nações árabes-muçulmanas – que se dotaram de uma ars erótica. Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhimento como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, e portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. Melhor ainda: este saber deve recair, proporcionalmente na própria prática sexual para trabalha-la como se fora de dentro e ampliar seu efeitos. Dessa forma constitui-se uma saber que deve permanecer secreto, não em função de uma suspeita de infâmia que marque seu objeto, porem pela necessidade de mantê-lo na maior discrição, pois segundo a tradição, perderia sua eficácia e sua virtude ao ser divulgado.

Como se vê, para Foucault existiriam duas formas históricas de produção de verdade sobre o sexo: a ciência do sexo no ocidente e as artes eróticas nas sociedades do oriente. A ciência do sexo, ao contrário das artes eróticas, não busca a verdade sobre o sexo no próprio prazer, não busca fazer com que o individuo descubra por meio da prática com o próprio corpo conseguir conhecê-lo e atingir o prazer ou prolonga-lo, as ciências sexuais produzem verdades sobre o sexo por meio do discurso, mediante relações de poder. Dessa forma, conforme Foucault (1988), a civilização ocidental ao longo dos séculos foi a única no mundo que se desenvolveu para dizer a verdade sobre o sexo em uma forma de poder-saber que se diferencia das artes eróticas do mundo oriental, na qual a verdade sobre o sexo não é produzida por intermédio da ciência e não é possibilitada dentro das relações de poder.

Dessa maneira, em “*A vontade de saber*”, primeiro capítulo do volume “*A história da sexualidade*” observamos como a sexualidade é constituída no mundo ocidental, percebe-se que, para Foucault, as verdades a respeito da sexualidade no mundo ocidental são constituídas mediante relações de poder-saber, pois diferentemente do que se pensava, o sexo não foi silenciado, não foi escondido, ocorreu o contrário, houve uma certa estimulação para falar sobre ele, para que fosse classificado e normatizado pela ciência, criando dessa forma uma ciência sexual, que produz verdades sobre o sexo no jogo das relações de poder. Sendo assim, para Foucault a sexualidade no mundo ocidental nada mais é do que uma construção discursiva e,

portando, constituída por meio da produção e circulação de verdades produzidas mediante relações de poder.

Em “*O uso dos prazeres*”, segundo livro do volume “*História da Sexualidade*”, Foucault muda o rumo de seu estudo sobre a sexualidade no mundo ocidental e rompe com sua fase denominada genealógica do poder. Assim, inicia-se uma nova fase do autor denominada de genealógica ética do sujeito. No livro anterior, Foucault investigou como a sexualidade foi constituída no mundo ocidental e como as verdades produzidas sobre ela adestram o indivíduo, criando uma sexualidade tida como natural, mas que na verdade é possibilitada por meio das relações de poder.

No segundo livro, intitulado de “*O uso dos prazeres*”, Foucault abandona os estudos anteriores sobre a sexualidade e começa a investir na Grécia antiga investigando como os gregos antigos problematizaram o sexo e como o indivíduo constitui-se como sujeito do desejo a partir das relações de si consigo mesmo. Segundo Foucault (1984), para os gregos, as regras sobre a sexualidade não eram universais e a natureza do ato sexual em si não era motivo de uma problematização. Toda a problematização sobre o sexo na Grécia era voltada para a questão do controle de si e de seus desejos, as regras sobre o sexo eram prescritas por filósofos, mas não possuíam um aspecto de lei com interdições do indivíduo como posteriormente fez o cristianismo associando o sexo a algo errado, que deveria ser feito apenas para fins de procriação. Para a moral cristã, o ato sexual é associado ao pecado da carne, portanto, a problematização se dá no próprio ato. Para o grego antigo não há nada a ser problematizado no ato sexual em si, a problematização se dá em quem faz o ato e na quantidade em que ele é feito a questão para um grego antigo é o controle de si mesmo sobre os desejos sexuais.

Dessa forma, a problematização sobre o sexo na Grécia antiga gira em torno do bom uso dos prazeres, o que Foucault chamou de regime dos “*Aphrodisia*”, isso significa que o problema encontra-se na quantidade e na forma como o indivíduo administra o seu prazer, sendo assim, conforme Foucault (1984), um indivíduo que se deixa levar pelas paixões e se torna um escravo de seu próprio desejo sexual não possui a temperança, que é a sabedoria de ter o controle sobre si mesmo, tornando-se, desse modo, um ser livre. Para um grego antigo, a liberdade só poderia ser alcançada quando o indivíduo se tornava dono de si mesmo.

A virtude na ordem dos prazeres não é concebida como estado de integridade mas como uma relação de dominação, uma relação de domínio: é o que mostram os termos que são utilizados – seja por Platão, Xenofonte, Diógenes, Antifonte ou Aristóteles – para definir a temperança: “dominar os desejos e os prazeres,

“exercer poder sobre eles”, “comanda-los” (kratein, archein). Relata-se de Arístipo, o qual, todavia, possuía uma teoria sobre o prazer, bem diferente da de Sócrates, o seguinte aforismo que revela uma concepção geral da temperança: “o melhor é dominar os prazeres sem se deixar vencer por eles; e não o fato de não recorrer a eles” (to kratein kai me hettasthai hedonon Ariston, ou to me chresthai)”. Em outras palavras, para se constituir como sujeito virtuoso e temperante no uso de seus prazeres, o indivíduo deve instaurar uma relação de si para consigo que é do tipo “dominação-obediência”, “comando-submissão”, “domínio-docilidade. (FOUCAULT, 1984, p. 66).

Para Foucault (1984), a sexualidade dos gregos antigos girava em torno de três grandes campos de preocupação que eram motivos de uma problematização. Esses campos que constituíam motivos para uma problematização para os gregos eram: a relação que o grego antigo tinha com o próprio corpo, com a esposa no interior da casa e com os rapazes. Porém, toda essa problematização sobre o sexo, sobre o bom uso dos prazeres no mundo antigo será desenvolvida e recomendada apenas para o homem livre. As mulheres não eram consideradas livres na Grécia antiga, pois pertenciam aos seus maridos, desse modo, as prescrições sobre a conduta sexual, no mundo antigo, não eram destinadas nem a elas e nem aos escravos. Outro aspecto curioso, dentro da moral grega sobre o sexo, é que não havia nada de errado nas relações sexuais entre dois homens, desde que o homem de status, ou seja, o homem livre, não ocupasse a posição de submissão, de passividade na relação sexual, pois para os gregos antigos, a feminilidade não estava no ato de manter relações sexuais com o mesmo sexo e sim em ocupar a posição de submissão, pois esta é a posição da mulher. Desse modo, uma mulher ou um escravo poderiam ser submissos e ocupar a posição de passividade na relação sexual, poderiam deixar-se levar pelos desejos, pois não eram considerados livres e, sendo assim, não precisariam preocupar-se em manter o domínio de si, essa deveria ser apenas uma preocupação para homens livres e de status.

Percebe-se, de acordo com o pensamento de Foucault, que não existia uma moral de cunho universal na Grécia antiga na qual todos os indivíduos igualavam-se, nem todos eram obrigados a cumprir as recomendações sobre o bom uso dos prazeres, apenas os homens de status deveriam ter essa preocupação com a sua conduta, pois eram eles que iriam estar no controle da cidade e para os gregos antigos alguém só poderia governar a cidade se primeiro governasse a si mesmo. Portanto, percebemos que a moral sobre a sexualidade não é algo que existiu a partir do cristianismo com a prática da confissão e das regras sobre a sexualidade, muito antes os gregos antigos já tinham uma preocupação com um conduta moral sobre a sexualidade. Porém, segundo Foucault, não podemos afirmar que a moral do cristianismo foi

possibilitada ou herdada dos gregos, pois eles concebiam o sexo de uma maneira muito distinta da moral cristã.

Sendo assim, de acordo com as ideias de Foucault, não existe uma verdade ou uma moral natural sobre o sexo no mundo ocidental, e a preocupação em criar uma moral enquanto reflexão sobre a sexualidade existe desde os antigos gregos. Tanto as ciências sexuais do século XIX como os gregos antigos problematizaram o sexo, porém cada um ao seu modo, a moral grega sobre o sexo não interditava nem possuía regras universais, como fez a intuição religiosa cristã no ocidente.

Portanto, as condutas sexuais que tomamos como corretas ou pervertidas foram fruto de uma construção social, dessa forma, não podem ser consideradas naturais. Porém, os indivíduos que não buscam se enquadrar nessas condutas consideradas e aceitas como normais sofrerão e se tornarão pessoas excluídas. Isso é o que acontece com o personagem da obra que iremos analisar a seguir usando o pensamento de Foucault.

Diante disso, como veremos, no capítulo a seguir o comportamento sexual do personagem principal da obra "*Lavoura Arcaica*" de Raduan Nassar não pode ser considerado impróprio ou até mesmo doentio se analisado pelo lado de fora das verdades, impostas, pelas ciências sexuais e moral cristã.

3 SOBRE LAVOURA ARCAICA

O texto retrata a vida de uma família de imigrantes libaneses, que apesar de ser originária de um país de população islâmica, pratica o cristianismo. A família descrita na obra *“Lavoura Arcaica”* é formada pelo patriarca Lohaná, a sua esposa, cujo nome não é revelado na obra e sete filhos: André, Ana, Lula, Pedro, Rosa, Huda e Zuleika. A família é regida por princípios morais que são impostos pelo patriarca que sempre à mesa, durante as refeições, profere seus sermões que têm como tema recorrente o comportamento correto e moral. Dessa forma, os filhos são criados desde cedo dentro dessa tradição moral, porém nem todos a seguem, alguns conseguem fugir dessa tradição, e tentam viver suas vidas longe das regras da família, esse o caso de André, narrador da obra, ele é uma das exceções dentro da família, pois consegue viver experiências sexuais que são consideradas impróprias para sua tradição moral. André sai de casa por não se sentir à vontade naquele ambiente, onde a moral reinava, porém de maneira hipócrita, pois às escondidas os desejos reprimidos eram liberados por meio da masturbação, que acontecia no banheiro.

alguma vez te passou pela cabeça, um instante curto que fosse, suspender o tampo de cesta de roupa do banheiro? Alguma vez te ocorreu afundar as mão precárias e trazer com cuidado cada peça ali jogada? Era o pedaço de cada um que eu trazia nelas quando afundava minhas mãos no cesto, ninguém ouviu melhor o grito de cada um. (NASSAR, 1989, p. 23).

As personagens centrais que habitam a obra de Raduan Nassar são: André, seu pai, sua irmã Ana e seu irmão Pedro, que possui um papel relevante dentro da obra, pois é o irmão de André que mais se parece com o pai. Pedro, está do lado da tradição familiar e assim como o pai representa o olhar da instituição de poder-saber religiosa, representada na obra pela família. Pedro é diferentemente do irmão, o protagonista da obra, que se identifica mais com a mãe e não segue as regras impostas pela autoridade paterna. Desse modo, apesar de manter a aparência de uma família pautada na moral e nas regras, a família da obra era segregada : De um lado da mesa sentava-se o pai e os filhos Pedro, Zuleika e Huda (filhos que seguem as regras impostas pela autoridade paterna), do outro lado da mesa sentavam a mãe e seus filhos André, Ana e Lula , os transgressores da família.

Eram esses os nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à sua direita, por ordem de idade, vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika, e Huda; à sua esquerda, vinha a mãe, em seguida eu, Ana, e Lula, o çaçula. O galho da direita

era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde as raízes; já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anomalia, uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto; [...] O avô, enquanto viveu, ocupou a outra cabeceira; mesmo depois da sua morte, que quase coincidiu com a nossa mudança da casa velha para a nova, seria exagero dizer que sua cadeira ficou vazia. (NASSAR, 1989, p. 85).

A obra é dividida em duas partes: a partida e o retorno do personagem principal para casa. Na primeira parte da obra, André faz uma viagem ao passado e conta como era a sua vida quando criança na fazenda, essas memórias são compartilhadas com Pedro, seu irmão, quando esse foi até a pensão tentar resgatá-lo de volta para a família, pois André havia saído de casa devido ao modo como a sua família e principalmente seu pai o reprimia e o disciplinava. Nessas lembranças, André relata para Pedro como era boa a infância na fazenda, pois possuía o afeto da mãe, conta isso de um modo que dá a entender que a forma como sua mãe lhe tratava na infância lhe causava um prazer quase sexual. Para André, essa época de sua vida foi marcada pelo afeto da mãe de um lado, lhe causando prazer, e a rigidez do pai por outro, lhe causando medo. Desse modo, o afeto e a forma como a mãe de André o tratava lhe causavam grande prazer, na contramão disso o seu pai só o reprimia e o disciplinava dentro da tradição religiosa e familiar. Na segunda parte, Chamada O retorno, temos a volta do protagonista da obra para sua casa, seu retorno se deu depois de um longa conversa cheia de recordações e revelações na qual André é convencido por Pedro a voltar para a fazenda.

A obra tem seu início com André longe de casa e dentro de um quarto de pensão, lugar que escolheu para fugir do olhar repressor da família. Ele havia saído de um ambiente familiar que o incomodava, não suportava mais viver dentro das regras impostas pela autoridade de seu pai. André, não queria seguir a tradição familiar, não queria que sua liberdade individual fosse suprimida pelas regras austeras de seu pai, não queria ser como o irmão que era obediente ao pai e seguia a tradição familiar com muito orgulho. André, prefere a reclusão do quarto da pensão, pois encontra-se angustiado com o que sente e lá é o único lugar onde ele pode ficar longe dos olhares da família austera, que sempre o vigiava e o reprimia. Antes de decidir sair de casa, André fugia do olhar repressor da família de outras formas, porém encontrou fora de casa uma maneira de tentar ser totalmente livre.

Na modorra das tardes vadias na fazenda, era num sítio lá do bosque que eu escapava aos olhos apreensivos da família; amainava a febre dos meus pés na terra úmida, cobria meu corpo de folhas e, deitado à sombra, eu dormia na postura quieta de uma planta enferma vergada ao peso de um botão vermelho; não eram duendes aqueles troncos todos

ao meu redor, velando em silêncio e cheios de paciência meu sono adolescente? que urnas tão antigas eram essas liberando as vozes protetoras que me chamavam da varanda? de que adiantavam aqueles gritos, se mensageiros mais velozes, mais ativos, montavam melhor o vento, corrompendo os fios da atmosfera? (meu sono, quando maduro, seria colhido com a volúpia religiosa com que se colhe um pomo). (NASSAR,1989, p. 8).

Porém Pedro, representando o olhar da família austera, vai até a pensão para ver o que André está fazendo. Após a chegada de Pedro na pensão, que tinha como missão trazer o irmão de volta para casa, André começa a conversar sobre as coisas que aconteciam na fazenda, sobre como se sentia bem na sua infância com os afagos da mãe, e como não suportava desde criança o modo como o pai o reprimia, diz ao irmão que não suportava todos os discursos de seu pai sobre como deveriam se comportar diante dos desejos. No início, André tem medo que o irmão descubra o real motivo de sua partida, ele mesmo achava que o desejo que sentia dentro de si era algo errado e dessa forma se sentia mal com isso, mas no decorrer da conversa André começa a contar aos poucos suas experiências sexuais vividas na fazenda e narra como foi a sua primeira experiências sexual, vivida com a cabra Sudanesa, André diz:

eu a conduzi com cuidados de amante extremoso, ela que me seguia dócil pisando suas patas de salto, jogando e gingando o corpo ancho suspenso nas colunas bem delineadas das pernas; era do seu corpo que passei a cuidar no entardecer, minhas mãos húmidas mergulhando nas bacias de unguentos de cheiros vários, desaparecendo logo em seguida no pêlo franjado e macio dela; mas não era uma cabra lasciva, era uma cabra de menino, um contorno de tetas gordas e intumescidas, expondo com seus trejeitos as partes escuras mais pudendas, toda sensível. (NASSAR,1989,p 9).

No decorrer da conversa André vai comentando com o irmão sobre o modo como eram criados dentro dos princípios do pai, sobre a maneira como a família era dividida, sobre como às escondidas as coisas aconteciam dentro de casa nos cestos de roupas, onde podia encontrar as roupas sujas após as masturbações dos membros da família, conta sobre suas primeiras experiências sexuais na fazenda e com as prostitutas mostrando os objetos que pegou de cada uma delas. A conversa vai se desenrolando até ele revelar para seu irmão o real motivo de sua partida, conta o que sentia pela irmã, Ana, fala que sentia desejo por ela e revela o ato do incesto, após essa conversa, Pedro convence André a voltar para casa e no retorno ele é recebido por suas irmãs, mas Ana, a irmã por quem André sente desejo não aparece para recebe-lo, pois estava na capela para agradecer a volta do irmão para casa.

Ao retornar para o ambiente familiar, André tem uma longa e frustrante conversa com o pai na qual tenta convencê-lo de que estava certo quando resolveu sair de casa, porém o pai sempre como detentor da moral e único capaz de saber o caminho correto pelo qual os membros da família deveriam seguir não aceita os argumentos de André.

— Nesta mesa não há lugar para provocações, deixe de lado o teu orgulho, domine a víbora debaixo da tua língua, não dê ouvidos ao murmúrio do demônio, me responda como deve responder um filho, seja sobretudo humilde na postura, seja claro como deve ser um homem, acabe de uma vez com esta confusão!

— Se sou confuso, se evito ser mais claro, pai, é que não quero criar mais confusão. (NASSAR,1989,p 91).

A obra termina com a revelação do incesto que resulta na morte de Ana, irmã por quem André tinha desejo. Nos momentos que antecedem a tragédia familiar Pedro, vê a irmã dançando com os objetos das prostitutas que André havia guardado e diante da cena resolve contar para o pai sobre o verdadeiro motivo que levou o irmão a sair de casa, ao saber da verdade o pai em um ato de extrema loucura e desespero mata a própria filha com um golpe de um alfanje. Diante da tragédia os filhos ficam perdidos e sem referência, pois a base da família era o pai.

o alfanje estava ao alcance de sua mão, e, fendendo o grupo com a rajada de sua ira, meu pai atingiu com um só golpe a dançarina oriental (que vermelho mais pressuposto, que silêncio mais cavo, que frieza mais torpe nos meus olhos!), não teria a mesma gravidade se uma ovelha se inflamasse, ou se outro membro qualquer do rebanho caísse exasperado, mas era o próprio patriarca, ferido nos seus preceitos, que fora possuído de cólera divina (pobre pai!), era o guia, era a tábua solene, era a lei que se incendiava (NASSAR,1989,p 105).

Diante do cenário exposto aqui, sobre “*Lavoura Arcaica*”, podemos perceber a forte carga erótica presente na obra e o poder da tradição frente à liberdade individual, podemos perceber através dessa obra literária como o sexo é problematizado na sociedade, como os indivíduos são submetidos a seguir uma moral e uma tradição imposta a eles. A tradição e a liberdade individual são dois opostos na obra “*Lavoura Arcaica*”. Temos de uma lado a tradição, as regras, e do outro um indivíduo que tenta viver sua vida de uma forma livre, que tenta impor sua individualidade, pois não consegue seguir as regras impostas pela autoridade paterna. Dessa forma, o personagem principal da obra, assim com todos os indivíduos que fogem às regras, sofre e se vê marginalizado, pois não consegue se enquadrar nos padrões de comportamento considerados normais e portanto adequados para sua tradição moral. Nesse sentido, a obra “*Lavoura Arcaica*” e seu personagem principal, André servem para tentarmos

problematizar, usando as ideias de Foucault, como os comportamentos sexuais tidos como normais são construídos a partir de relações de poder configurando-se assim em comportamentos inventados e não como naturalmente humanos, no qual poderíamos classificar um certo comportamento como normal ou anormal sem uma imposição arbitrária.

4 UMA LEITURA FOUCAULTIANA DE LAVOURA ARCAICA

Na obra “*Lavoura arcaica*”, de Raduan Nassar, temos um ambiente totalmente patriarcal e autoritário. A família composta por pai, mãe e sete filhos é regrada pela forte religiosidade. Ao redor de uma mesa a família retratada na obra se encontra quieta, reprimida, submissa e adestrada pelos ensinamentos e pelas regras impostas pelo patriarca Lohaná. Nesse momento, podemos perceber como o ambiente em que vivem as personagens da obra “*Lavoura Arcaica*” tem uma proximidade como o pensamento de Foucault em sua “*História da Sexualidade*”, pois representa o modo como a sexualidade é controlada e como o indivíduo é submetido a abrir mão de uma liberdade individual para seguir a tradição e os modelos de comportamento tidos como corretos, estabelecidos desde seu nascimento. O pai é a figura central na obra e impõe à família uma união que tenta passar através de sermões contra os impulsos e a favor de uma educação que guarda o corpo como uma verdade, na qual a felicidade só pode ser encontrada na família e no comportamento adequado de seus membros, que devem se resguardar das paixões, como pode ser notado na fala de André. "a gente sempre ouvia nos sermões do pai que os olhos são a candeia do corpo, e que se eles eram bons é porque o corpo tinha luz, e se os olhos não eram limpos é que eles revelavam um corpo tenebroso." (NASSAR, 1989, p. 7)

No entanto, todas as imposições feitas pelo pai, na tentativa de manter a tradição, acaba gerando entre os indivíduos da família uma enorme necessidade de escapar dos olhos austeros do patriarca, de colocar para fora toda a energia sexual reprimida durante o dia e isso acontecia por meio da prática da masturbação. Era assim, que os desejos reprimidos da família eram liberados. Sendo assim, toda a moral que era exigida e ensinada pelo pai através de sermões que sugeriam uma preparação do indivíduo para resguardar o corpo dos prazeres do mundo, acabava interditando o desejo dos membros da família e quando esses não conseguiam mais suportar o controle excessivo encontravam uma alternativa para fugir dele. É nesse ambiente autoritário e hostil, povoado de sermões e regido por uma falsa moral religiosa e familiar que habita André, o personagem protagonista de “*Lavoura arcaica*”. André possui mais seis irmãos, sendo quatro mulheres (Ana, Huda, Rosa e Zuleica) e dois homens (Pedro e Lula). Apesar dos sermões do pai sobre a moral, a ordem e de uma educação que guarde o corpo André assume um comportamento sexual que foge dos padrões aceitos pela moral cristã. Ele sente um desejo por Ana, sua irmã mais nova, e transita na contramão das expectativas do seu pai. Na obra

“*Lavoura arcaica*”, André trilha um caminho longe da moral e das normas da religião pratica zoofilia e também incesto, quando realiza seu desejo sexual por sua irmã, Ana.

Como se vê, diante de seus atos, André pode ser considerado um sujeito transgressor, desajustado, pervertido e que não se adequa as normas aceitas pela sociedade e pregadas por seu pai, por meio de sermões, porém seus atos praticados às escondidas e o olhar repressor da família lhe causam sentimentos ruins e é por isso que André resolve sair de casa, por não aguentar viver naquele ambiente que lhe frustra os desejos. André, foge de casa talvez para também fugir de seus desejos sexuais por Ana e do olhar vigilante do pai, porém seu irmão Pedro vai visita-lo e tenta o convence-lo a retornar para a família, ou seja, mesmo longe de casa André ainda é vigiado pelos olhos repressivos do pai através de seu irmão e aceita retornar para a família. Todos os sentimentos e desejos que André sente por sua irmã, Ana e todos os seus atos, que fogem dos padrões aceitos na família patriarcal, acabam lhe causando sofrimento. Ele apenas sentia desejo, porém este seu desejo não poderia ser aceito, pois não se adequava a moral familiar e cristã, que, conforme Foucault, herdou das instituições de poder-saber uma ideia de permitido e proibido.

Diante disso, podemos notar que a obra “*Lavoura arcaica*” possui como marca a forte carga erótica. Na obra, temos a presença de um embate entre o indivíduo e a tradição, sendo assim de um lado temos a liberdade sexual do indivíduo e do lado oposto as regras que lhes são impostas por meio de uma moral religiosa e familiar. Nesse momento, devido ao conteúdo erótico e ao embate entre tradição e liberdade, fazer uma leitura Foucaultiana dessa obra parece algo pertinente, pois em a trilogia “*História da sexualidade*”, principalmente no primeiro livro, temos um Foucault problematizando e investigando o nascimento das verdades sobre a sexualidade no mundo ocidental.

Para Foucault (1988) as verdades sobre o sexo são construções sociais, possibilitadas através da circulação de discursos e controladas pelas instituições de poder- saber que acabam criando modelos tidos como adequados, sendo assim para ele as verdades são construídas pelo discurso. Segundo o autor, o poder não seria repressivo, ao contrário ele agiria de maneira estratégica, incitando os indivíduos a se sentirem livres para expor seus desejos mais íntimos para depois estudá-los e classificá-los por meio da circulação de discursos que serão aceitos como verdade pelos indivíduos.

Segundo Foucault (1988), historicamente a sexualidade no mundo foi sendo constituída e possibilitada de duas maneiras bem distintas: através das artes eróticas das sociedades orientais e das ciências sexuais no mundo ocidental. Nas artes eróticas ou “*ars erótica*” presentes no Japão, China, Índia e nações árabes a verdade sobre o sexo é descoberta por meio do prazer e não há uma lei universal que delimita o certo e o errado o permitido e o proibido. Diferentemente das artes eróticas, que procuravam a verdade do sexo através da descoberta e conhecimento do próprio corpo, as ciências sexuais ou “*scientia sexualis*” produzem a verdade sobre o sexo baseada nos discursos da ciência, produzidos dentro das relações de poder, dessa forma o próprio ato sexual em si é normatizado delimitando terreno do permitido e do proibido nas condutas sexuais.

Assim como as civilizações que praticavam uma “*ars erótica*” tivemos uma outra civilização que não problematizou o ato sexual em si, nem criou regras de cunho universal para interdita-lo. Na obra “*O uso dos prazeres*”, Foucault mostra como os gregos antigos problematizaram a sua sexualidade a partir das relações de si consigo mesmo. Para eles o problema não estava no ato sexual. A questão que era motivo de uma problematização era sobre o bom uso dos prazeres, ou seja, não havia nada de errado no ato sexual, o problema era o excesso dele, pois para um grego antigo um indivíduo só poderia ser livre se conseguisse dominar seus desejos. Não havia problema algum na relação sexual entre homens do mesmo sexo desde que o homem de status não ocupasse a posição de submissão na relação, pois esta era a posição da mulher e não de um homem livre. Como podemos perceber, os problemas que os gregos tinham acerca do sexo nada tinham a ver com a natureza do ato, diferentemente do que aconteceu com a moral cristã, que associou o ato sexual ao pecado da carne. Sendo assim, percebe-se que o mundo ocidental foi o único a problematizar o sexo a partir do próprio ato sexual e a procurar uma verdade sobre o sexo por meio das ciências.

Nossa civilização, pelo menos à primeira vista, não possui *ars erótica*. Em compensação e a única, sem dúvida, a praticar uma *scientia sexualis*. Ou melhor, só a nossa desenvolveu, no decorrer dos séculos, para dizer a verdade do sexo, procedimentos que se ordenam, quando ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposto à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão. (FOUCAULT, 1988, p. 57).

No mundo ocidental, a sexualidade é regulada pelas instituições de poder-saber que produzem verdades que resultam em uma padronização do sexo com a criação de sexualidades toleráveis. Historicamente a primeira instituição de poder-saber que começou a regular o comportamento sexual das pessoas produzindo verdades foi a instituição religiosa, essa

instituição ao instaurar a prática das confissões conseguiu se apropriar da vida sexual dos indivíduos. Ouvindo o sexo em seus confessoriais a instituição religiosa criou normas e interdições ditando o permitido e o proibido, reduzindo o ato sexual ao pecado, este só poderia ser realizado entre pessoas casadas e para fins de procriação, pois sua natureza era classificada com má, pela instituição religiosa. Para Foucault,

Desde a Idade Média, pelo menos, as sociedades ocidentais colocaram a confissão entre os rituais mais importantes de que se espera a produção de verdade: a regulamentação do sacramento da penitência pelo Concílio de Latrão em 1215; o desenvolvimento das técnicas de confissão que vêm em seguida; o recuo; na justiça criminal, dos processos acusatórios; o desaparecimento das provações de culpa (juramentos, duelos, julgamentos de Deus); e o desenvolvimento dos métodos de interrogatório e de inquérito; a importância cada vez maior ganha pela administração real na inculpação das infrações. (FOUCAULT,1988, p. 58).

Na obra “*Lavoura arcaica*”, quem exerce o papel de instituição de poder-saber que adentra o indivíduo é a família, essa instituição familiar regula o comportamento de seus membros através do patriarca que tem o papel de autoridade no qual vigia e garante o estabelecimento da regra. Nesse ambiente, extremamente regrado, os indivíduos são adestrados dentro de princípios religiosos rígidos. Podemos perceber que a instituição familiar em “*Lavoura arcaica*” normatiza os seus membros da mesma forma como as instituições religiosas e a ciência normatizaram os comportamentos sexuais, pois a família na obra assim como toda família tradicional é um reflexo da instituição religiosa. Porém, as verdades que tentam validar as normatizações e interdições do personagem protagonistas são as mesmas que circulam nos discursos religiosos, ou seja, são produzidas nas relações de poder e, portanto, não se configuram como uma verdade natural. Diante disso, podemos concluir que as verdades sobre o sexo não existem de forma natural, elas são criadas seguindo algum propósito e conforme Foucault (1988) para entendermos como funciona o poder devemos imaginar o sexo sem o poder controlador das normas.

Assim, se analisássemos as experiências sexuais vividas por André, libertas do moralismo religioso e das normatizações e classificações das ciências sexuais, veríamos que não há nada de inadequado ou de anormal em seu desejo, suas experiências sexuais só são interditadas, lhe causam aflição e culpa, pois estão presas as verdades sobre o sexo produzidas pelas intuições de poder saber, que no caso do personagem protagonista de “*Lavoura arcaica*” são representadas pela família austera. Sendo assim, não existe um comportamento sexual isento no qual poderíamos analisar e classificar o comportamento sexual do personagem

protagonista da obra. Portanto, ao praticar zoofilia, masturbação, sexo com prostitutas e até mesmo o incesto, André só estava tentando satisfazer seus desejos e para Foucault o desejo em si é algo livre, tanto as classificações como as tentativas de interdição são criadas e impostas pelos próprios Homens segundo sua vontade de potência.

Dessa forma, em *“Lavoura Arcaica”* temos a família com todo o peso de sua tradição cumprindo o papel de instituição de poder-saber que adentra e interdita o sujeito. Sendo assim, para as mentes adestradas é impossível aceitar ou concordar com as experiências sexuais vividas pelo protagonista da obra *“Lavoura arcaica”*, para essas pessoas André seria apenas mais um louco, um desajustado ou um perverso. Desse modo, os padrões são instituídos por meio de regras influenciadas pela religião e a ciência. Todas essas instituições possuem poder sobre o indivíduo e sobre a sua sexualidade, dessa forma produzem verdades sobre o sexo e o normatizam classificando o certo e o errado. Dessa maneira, para Foucault a sexualidade nada mais é do que uma invenção social, pois é constituída a partir de discursos que possibilitam a criação e circulação de verdade, dessa forma, não teríamos um comportamento sexual naturalmente humano e isento de poder, portanto, o comportamento sexual de André analisado sob essa ótica foucaultiana não seria classificado como impróprio, pois para Foucault o desejo em si é algo livre.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se, portanto, que ao problematizar a interdição do desejo sexual do personagem protagonista de *“Lavoura arcaica”* buscando as razões para seu motivo por meio do pensamento de Foucault, que seus desejos e seu comportamento sexual só são interditados e considerados impróprios pela família austera da obra, pois não se enquadram dentro dos princípios morais da instituição de poder-saber que é representada pela família do personagem. Sendo assim, os desejos sexuais reprimidos dentro da obra são regulados pelas verdades sobre o sexo criadas para adestrar o sujeito .

Vimos que para Foucault há uma razão para que isso aconteça, pois segundo ele a nossa sociedade foi a única no mundo a conceber a sexualidade por meio de uma ciência sexual, que cria as verdades sobre o sexo por intermédio da produção e circulação de discursos, diferenciando-se de outras sociedades que concebiam o sexo pelo prazer em si. Desse modo, baseado no pensamento de Foucault podemos concluir que o desejo do personagem protagonista de *“Lavoura Arcaica”* é interditado, pois não se adequa aos princípios imposto pela moral familiar cristã presente na obra.

Portanto, ao problematizar e analisar as verdades tidas como naturais e nos mostrar que a verdade sobre a sexualidade no mundo ocidental foi sendo construída através do discurso , Foucault nos permite traçar um paralelo entre seu pensamento e a obra *“Lavoura arcaica”*. Desse paralelo, entre Lavoura Arcaica e o pensamento de Foucault, podemos concluir que a sexualidade do personagem André não possui nada de anormal ou errado, pois não existe uma verdade natural e absoluta sobre o que é certo ou errado nas condutas sexuais humanas. Assim, não se pode julgar o comportamento de André de uma maneira isenta, pois desejo em si é algo livre e as formas de normatização sobre ele são construções sócias impostas, ou seja, baseadas nas relações de poder usadas para adestrar os sujeitos. Nesse sentido, ao analisarmos a sexualidade de André sem as verdades criadas sobre o sexo perceberemos que não há nada de improprio ou de anormal em seu comportamento.

Diante do exposto, percebe-se que devemos rever o modo como pensamos a sexualidade, e sobretudo devemos entender que, no campo da sexualidade, não existem regras universais com verdades absolutas, pois segundo o pensamento foucaultiano aquilo que acreditamos ser o certo ou errado nas condutas sexuais dos indivíduos não existe de uma forma natural já determinada, na verdade é algo construído e possibilitado dentro das relações de

poder. Assim, na visão foucaultiana, as verdades sobre o sexo são criadas pelos próprios homens servindo algum propósito.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988

_____. **História da sexualidade 1. O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984

_____(1983) **O uso dos prazeres e as técnicas de si**. In Ditos e Escritos V: ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2006b

_____. (2004). **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes.

_____. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Ed. Graal - RJ, 1985.

_____. **Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise/Ditos e Escritos**.

Michel Foucault: organização e seleção de texto, Manoel Barros da Mota; Tradução. Vera Lúcia Avellar Ribeiro – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina/Ditos e escritos: Michel Foucault**. Organização e seleção de texto Manoel Barros de Mota. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2011.

FREIRE, Roberto. Liv e Tatziu: **Uma história de amor incestuoso**. 2 ed. São Paulo: Globo. 1999.

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, simplesmente**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MACHADO,R. **Ciência e Saber: A trajetória da arqueologia de Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral: Uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. **Humano, demasiadamente humano**. Companhia de Bolso, SP: 2000

NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SADE, M. de. **Justine: ou os Infortúnios da Virtude**, Trad. Adelino Rodrigues, PORTUGAL: Publicações Europa-américa, 1998.

SADE, M. de. **A Filosofia na Alcova: ou, Os Preceptores Imorais**, Tradução, posfácio e notas de Augusto Contador Borges, São Paulo: Editora Iluminuras, 1999.

TAYLOR, Charles. **Foucault, la liberté, la vérité**, in : _____. Michel Foucault – Lectures critiques. Bruxelles, Editions Universitaires, 1989.

TERNES, José. **Michel Foucault e a sexualidade grega**. Filósofos.v.1(1), p. 73-97, 1996.

VILAS BOAS, Crisoston Tertio. **Para Ler Michel Foucault**. Imprensa Universitária da UFOP. 2ª Edição – Eletrônica – 2002. Disponível em: < <http://minhateca.com.br/> >. Acesso em: 13 de maio.2015.

ULPIANO, Cláudio. **Sobre a estética da existência**. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=5AcXIOUbsd8> >. Acesso em: 14/07/2015.